

A subversão do modelo de mulher idosa em *A casa dos budas ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro, à luz das reflexões de Simone de Beauvoir

The subversion of the model of elderly woman in A casa dos budas ditosos, by João Ubaldo Ribeiro, based on the reflections of Simone de Beauvoir

Rosana Letícia Pugina

Doutoranda em Estudos Literários pela UNESP - FCLAr
Bolsista CNPq
professora-rosana@live.com

Resumo: Com base nos apontamentos de Simone de Beauvoir apresentados em *O segundo sexo – a experiência vivida* (1967), o tema deste trabalho é o estudo da subversão do conceito de mulher idosa em *A casa dos budas ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro (1999), com relação à personagem-protagonista. Este romance tem como núcleo o relato das aventuras sexuais de CLB, uma libertina sexagenária que sempre viveu as infinitas possibilidades do sexo por meio da experimentação de todas as formas de prazer. Através de questionamentos, ela extrapola o discurso machista que se constrói por meio de dogmas impostos às mulheres em uma sociedade de base patriarcal. Assim, o objetivo é compreender a constituição de CLB em contraste com o padrão social construído acerca da mulher idosa. A metodologia do trabalho quanto à abordagem é exploratória, qualitativa e de cunho bibliográfico. No fim, espera-se ter analisado profundamente a personagem sob o arcabouço proposto para que seja demonstrada a sua tendência singular de anarquizar o discurso e ver, com olhar crítico, os usos e os costumes da sociedade na qual está inserida.

Palavras-chave: Simone de Beauvoir; literatura brasileira; subversão do modelo de mulher idosa; *A casa dos budas ditosos*.

Abstract: *Based on the notes of Simone de Beauvoir presented in O segundo sexo – a experiência vivida (1967), the subject of this work is the study of the subversion of the concept of elderly woman in João Ubaldo Ribeiro's A casa dos budas ditosos (1999), regarding the protagonist character. The core of this novel is the report of sexual CLB's adventures, a sexagenarian libertine who has always lived the infinite possibilities of sex through the experimentation of all forms of pleasure. With questions, she goes beyond the sexist discourse that is constructed through dogma imposed on women in a patriarchal society. Thus, the objective is to understand the constitution of CLB in contrast to the constructed social pattern about the elderly woman. The methodology of the analysis regarding the*

approach is exploratory, qualitative and bibliographic. In the end, it is expected to have deeply analyzed the character under the proposed bibliography to demonstrate its unique tendency to anarchize the discourse and to see, with a critical eye, the uses and habits of the society in which it is inserted.

Keywords: *Simone de Beauvoir; Brazilian literature; subversion of the elderly woman model; A casa dos budas ditosos.*

Introdução

Tendo como fundamentação teórica a análise filosófica realizada por Simone de Beauvoir, no Capítulo VI, chamado *Da maturidade à velhice*, do volume II, da obra *O segundo sexo* (1967), vamos verificar a subversão do modelo de mulher idosa realizada por João Ubaldo Ribeiro, no romance *A casa dos budas ditosos* (1999), com relação à protagonista CLB.

Este romance brasileiro tem como núcleo o relato das aventuras sexuais de CLB, uma mulher sexagenária que vive e sempre viveu intensamente as infinitas possibilidades do sexo por meio da experimentação de todas as formas de prazer, sem indícios de culpa e sem censura. A narradora é liberada, pois recusa todas as convenções sociais que lhe são impostas, ademais, não precisa de nenhum parceiro para se realizar. Através do questionamento, ela extrapola o discurso machista que se constrói por meio de dogmas impostos às mulheres, assim, opta por viver sozinha, de forma autônoma e independente, tanto financeira como emocionalmente. Como arremate, a personagem é uma mulher idosa, o que contraria violentamente o discurso edificado socialmente sobre o envelhecimento feminino, conforme o qual as anciãs só têm existência no âmbito privado, uma vez que perderam a fecundidade, a beleza e o viço da juventude. Ademais, “o amor é para gente jovem e bonita”, dizem. A partir de tais vivências, CLB nega tudo: é a encarnação avessa do modelo social de mulher sexagenária em uma sociedade de base patriarcal.

O objetivo da pesquisa é compreender a formação de CLB, mulher de 68 anos e libertina, em contraste com o padrão social historicamente construído acerca da mulher anciã. A metodologia do trabalho quanto à abordagem é exploratória, qualitativa e de cunho bibliográfico. Desta forma, intenciona-se analisar a personagem, principalmente, à luz dos escritos de Simone de Beauvoir (1967) para que seja demonstrada a subversão como um elemento essencial da personalidade da protagonista, a qual vive e propõe a vida saturada por uma liberdade sexual plena até a velhice.

A construção social do papel da mulher idosa

A passagem da vida está marcada por rituais que inauguram cada uma das etapas: infância, adolescência, idade adulta e velhice. Cada uma delas pressupõe expectativas e papéis “adequados” aos sujeitos que pertencem a uma dada coletividade. De forma geral, sob esta ótica, são estabelecidos prazos para o começo da vida profissional, a

iniciação sexual, o casamento e a maternidade, enfim, mesmo variando de cultura para cultura, tais imposições orientam as vidas das pessoas socialmente. Acerca disto, conforme Simone de Beauvoir, a vida feminina, em todas estas fases, é mais centrada nas mudanças biológicas do que a do homem: “A história da mulher – pelo fato de se encontrar ainda encerrada em suas funções de fêmea – depende muito mais que a do homem de seu destino fisiológico. [...] Enquanto ele envelhece de maneira contínua, a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade” (BEAUVOIR, 1967, p. 343). Com base nisto, analisaremos a fase da velhice das mulheres em uma sociedade de raiz patriarcal.

No primeiro capítulo da obra *O segundo sexo – a experiência vivida*, a autora nos diz que, na lógica machista, o órgão genital masculino simboliza a superioridade do homem com relação à mulher, por meio de uma supervalorização do falo frente ao gênero feminino: “Persuadem a criança de que é por causa da superioridade dos meninos que exigem mais dela; para encorajá-la no caminho difícil que é o seu, insuflam-lhe o orgulho da virilidade; essa noção abstrata reveste para ele um aspecto concreto: encarna-se no pênis” (BEAUVOIR, 1967, p. 13). Com o decorrer do tempo, o menino nota que possuir um pênis lhe permite fazer algumas atividades – aventurar-se, correr, subir em árvores, caçar pássaros, etc. – que não são incentivadas às meninas. Nas palavras da filósofa: “É certo que a ausência do pênis desempenhará um papel importante no destino da menina, ainda que ela não inveje seriamente a posse dele” (BEAUVOIR, 1967, p. 19). Neste contexto, emerge a ideia de que não é o órgão masculino que leva à diferenciação no tratamento dos gêneros, mas, sim, a simbologia que ele carrega em nossa cultura.

Já na adolescência, as distinções agravam-se no campo da sexualidade: “a puberdade assume nos dois sexos uma significação radicalmente diferente porque não é um mesmo futuro que lhes anuncia. [...] Mais do que nunca, o sexo é então objeto de comparação e desafio” (BEAUVOIR, 1967, p. 55). Aos meninos, é permitido o livre exercício da sensualidade: o conhecimento do próprio corpo por meio da masturbação, a perda precoce da virgindade com mulheres mais velhas ou com prostitutas, a montagem e a divulgação de listas de nomes de meninas com as quais eles se envolveram (ou não), etc. Quanto às meninas, todas as interdições sofridas no campo das brincadeiras infantis são deslocadas para o campo sexual: é ensinado a elas que o corpo é pecaminoso, por isso, não pode ser tocado – daí o tabu feminino para a masturbação –, além disso, elas devem se manter virgens para que possam ser escolhidas por um homem para casar – o que as impede de exercitar a sexualidade livremente, como os meninos – e, como arremate, elas precisam cuidar da sua reputação de moça casta, policiando-se acerca das vestimentas, das companhias, dos hábitos, do palavreado. Segundo a estudiosa francesa, nesta fase, como resultado, “a jovem acha-se votada à pureza, à inocência, precisamente no momento em que descobre em si e em derredor os perturbadores mistérios da vida e do sexo. [...] Suporta sua metamorfose em mulher, não somente na vergonha, mas ainda no remorso” (BEAUVOIR, 1967, p. 62, grifo da autora). Todas as esferas da vida cotidiana são moldadas pela coletividade para estreitar a liberdade feminina, de onde deriva a necessidade das meninas de se enquadrarem no estereótipo que se espera delas.

Após a adolescência, Simone de Beauvoir (1967) aborda a iniciação sexual. Conforme a filósofa, esta fase é muito diferente para os jovens e para as jovens. Para o homem, “a passagem da sexualidade infantil à maturidade é relativamente simples: há objetivação de prazer erótico que, em lugar de ser realizado na sua presença imanente, é intencionado em um ser transcendente” (BEAUVOIR, 1967, p. 109). Nesta lógica, o homem aprendeu que a mulher é, para ele, uma presa a ser conquistada. A ereção e a ejaculação são os símbolos da satisfação da sua necessidade sexual, bem como o cumprimento do objetivo do ato sexual: “um ato definido foi consumado e o homem se reencontra com um corpo íntegro: o serviço que prestou à espécie confundiu-se com seu próprio gozo” (BEAUVOIR, 1967, p. 110). Já a sexualidade feminina apresenta uma complexidade maior, de acordo com a autora: “ao invés de integrar as forças específicas em sua vida individual, a fêmea submete-se à espécie cujos interesses se dissociam dos fins singulares dela; essa antinomia atinge o paroxismo na mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 110). Ao ser penetrada, há uma brusca mudança em seu estado atual: ela sai da posição de moça para a de mulher, pois o seu corpo, teoricamente, está pronto para a maternidade, conforme os dogmas sociais. De acordo com Simone de Beauvoir (1967, p. 110): “Por um rapto real ou simulado é que a mulher era outrora arrancada de seu universo infantil e jogada na sua vida de esposa; é uma violência que a faz passar de moça a mulher”. Em síntese, o sexo coloca “a mulher na dependência do macho e da espécie” (BEAUVOIR, 1967, p. 111). Além disso, vale ressaltar que a fecundação – para a consequente perpetuação da espécie humana – pode ocorrer sem que a mulher tenha o menor prazer, o contrário não ocorre, já que o orgasmo masculino é relacionado à ejaculação.

Na idade adulta, ao homem, cabe ser emocionalmente forte e ousado para que possa buscar a sua realização pessoal e profissional: “Socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; ele é encarado antes de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece à coletividade” (BEAUVOIR, 1967, p. 166). Já à mulher, o destino que a sociedade lhe impõe é o casamento: “ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser” (BEAUVOIR, 1967, p. 165). Assim, ensinam-lhe que, para agradar, é preciso doar-se inteiramente ao outro, abrindo mão de sua autonomia e de sua liberdade. Como resultado, é vista como um ser frágil, delicado e servil, pois quanto menos for livre para explorar e compreender o mundo que a cerca, menos possibilidades terá de se estabelecer como um sujeito independente nos âmbitos pessoal, financeiro e afetivo. Assim, o homem tem uma licença social para ser sempre o predador, num papel ativo, ao passo que a mulher, pelo mesmo motivo, fica na condição de presa, num papel passivo: “a passividade que caracterizará essencialmente a mulher *feminina* é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade” (BEAUVOIR, 1967, p. 19, grifo da autora). Surge daí a figura do marido como provedor dos custos familiares, tal qual aponta a filósofa francesa: “O encargo que lhe impõe a sociedade é considerado como um *serviço* prestado ao esposo: em consequência, deve ele à esposa presentes ou um dote e compromete-se a mantê-la” (BEAUVOIR, 1967, p. 167, grifo da autora), o que lhe confere o direito de trabalhar fora e de autorizar ou não a esposa a fazer uma ou outra atividade, como trabalhar ou viajar.

O resultado é a dependência econômica da esposa, a qual já foi, e talvez ainda seja, bem-vista socialmente. Dentro desta perspectiva, não há realização possível para as mulheres fora de casa, nem para os homens dentro do lar, já que a rua e o mundo do trabalho pertencem a eles (MALUF; MOTT, 1998).

Neste contexto, o poder aquisitivo é um fator importante na criação da autonomia feminina. Pela falta de técnica e de formação em alguma área, as mulheres não aprendem a se colocar quanto ao trabalho, por isso, são dominadas pelos homens: “Sem dúvida, se colocarmos uma casta em estado de inferioridade, ela permanece inferior; mas a liberdade pode quebrar o ciclo” (BEAUVOIR, 1967, p. 497). Isso significa que Simone de Beauvoir compreende que, numa sociedade capitalista, a independência financeira é um dos passos para a construção da liberdade feminina. Como foi dito acima, além das questões de âmbito afetivo, a falta de dinheiro é mais uma colaboradora para a fomentação da noção de inferioridade das mulheres, surgindo daí a necessidade de destruição da dependência financeira delas em relação aos homens de forma generalizada.

Outro ponto bastante questionável sobre a construção social do papel da mulher é a supervalorização da beleza física. Conforme Simone de Beauvoir (1967, p. 270), às meninas, é ensinado que é preciso ser bonita, em detrimento de qualquer outra característica, para conseguir um noivo. Dessa forma, a vida feminina gira em torno da conquista do amor de um homem, o que é sempre sinônimo de felicidade: “as mulheres que são profundamente coquetes, que se apreendem essencialmente como objeto erótico, que se amam na beleza de seu corpo, sofrem ao se verem deformadas, feias, incapazes de suscitar o desejo”. Assim, faz-se da busca pela perfeição na aparência uma verdadeira obsessão feminina, marca esta que se repete nos contos de fadas de forma maciça, por exemplo. Em vista disso, o jogo de sedução entre o homem e a mulher termina, infalivelmente, com o homem vencedor porque ele faz uso desta diligência feminina para manipular a sua próxima conquista e atingir o seu intento.

Como forma de reafirmação da subjugação feminina, está o discurso religioso. Henry Ashbee, em sua obra *Índice de livros proibidos* (1970), atesta que nem sempre o sexo se fez tabu em toda a parte ou em todas as culturas. Na verdade, continua o autor, a criação do conceito de pecado e a sua ligação com a reprodução carimbaram o sexo como algo proibitivo e obsceno por meio da perspectiva cristã do sexo como pecado, ou seja, como meio de regulação de condutas: “é, sobretudo, na doutrina hebraica, derivada de Moisés, que se apresenta pela primeira vez, em espírito e legislação, esse conceito deprimente do ato sexual. E é com ela que se começa a dar grande importância à virgindade da mulher” (ASHBEE, 1970, p. 6). A noção de corpo como sinônimo de profanação emerge da passagem em que Eva e Adão comem a maçã proibida, neste momento, ambos descobrem os seus corpos nus e caem na tentação da carne. Como Eva desobedeceu à ordem primeiramente, ela carrega o pecado original, assim como todas as mulheres, as “filhas de Eva”. Desta forma, nasceu a ideia de que o homem é superior à mulher.

A este respeito, na apresentação do livro *O orgasmo e o Ocidente* (MUCHEMBLED, 2007), Mary Del Priore (2007, p. XII) diz que, na Idade das Trevas, os ditos “pecados da carne” embasavam as homilias e as obras que norteavam a teologia da época. Eles serviam, essencialmente, para fundar a necessidade de repressão da maioria das

práticas eróticas, sendo assim, censuravam o gozo dos indivíduos. Neste contexto, foi construído o discurso da “caça às bruxas”, cujo fundamento era provocar o medo e a repulsa pela sexualidade feminina, a qual deveria ser normatizada por meio da repressão do corpo e do prazer. Por isso, o pecado original, na bíblia, é centrado no ato sexual como a primeira transgressão dos seres humanos. Como resultado, o sexo é permitido apenas para procriação, mas, ainda assim, é uma culpa. Esta alegoria, repetida por séculos, criou, de forma oposta, a imagem ideal da boa esposa cristã, a qual aceitava, sem piscar, a sua função de procriadora que tem filhos sem se preocupar com o prazer físico. Como prova, há o livro *Malleus Maleficarum (O martelo das feiticeiras, 2015)* que foi escrito pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, entre os anos de 1486 e 1487, na Alemanha.

Conforme os seus autores, as mulheres entregam-se aos pecados luxuriosos mais facilmente do que os homens porque, em sua criação, foi usada uma costela recurva, cujo contorno é contrário à retidão da conduta de Adão, sendo assim, a mulher é um “animal imperfeito”. Logo, desta “falha” de Eva, surgiu o adjetivo “feminino”, derivado de “femina”, que designa o sexo, e significa, etimologicamente, “menos fé” (fe + minus) (KRAMER; SPRENGER, 2015, pp. 116-117). Com base nestes ensinamentos, milhares de mulheres foram perseguidas, torturadas e assassinadas nas fogueiras da “Santa” Inquisição, acusadas do crime de bruxaria, além de terem contato sexual com o diabo – símbolo máximo do pecado –, serem ambiciosas e detentoras do poder orgástico e cometerem outras heresias, tais como serem adúlteras, parteiras e praticantes de curandeirismo. A obra, apesar de ter sido proibida pela igreja católica, durante três séculos, foi a “bíblia” dos inquisidores e esteve na banca de todos os julgamentos. Enfaticamente, como é notável, a doutrina cristã se alimenta da recordação infinita do pecado.

Voltando às fases da vida das mulheres, a respeito da velhice, utilizaremos, além dos apontamentos de Simone de Beauvoir (1967), a obra *História do corpo no Brasil* (DEL PRIORE; AMANTINO, 2011). De acordo com Andréa Moraes (2011), em seu capítulo intitulado *O corpo no tempo: velhos e envelhecimento*, no geral, a aposentadoria e a criação de asilos marcam, de forma simbólica, uma relação de identidade entre incapacidade, improdutividade e velhice, fato este que leva ao entendimento de que os idosos são um “problema social”. O próprio discurso geriátrico, de forma bem restrita, entende a velhice como um momento da vida em que ocorrem perdas de habilidades físicas e cognitivas. Sendo assim, o senso comum vê como “normal” a velhice reclusa, voltada para o lar e para os netos, uma vez que esta seria a única função destes indivíduos nesta faixa etária.

Pertencente à mesma obra citada acima, Joana de Vilhena Novaes (2011), no capítulo *Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social*, diz que:

Em uma sociedade imagética, em que o sujeito é definido por sua aparência, não há como desconsiderar o sofrimento psíquico decorrente de todas as regulações sociais que incidem sobre o corpo – sobretudo o feminino. Mulher e beleza são historicamente associadas [...], e a feiura, hoje intimamente ligada à gordura e ao envelhecimento, é a maior forma de exclusão socialmente validada. (NOVAES, 2011, p. 477)

Sob este viés, ao chegar à idade da menopausa, ainda sendo vista como fêmea, a mulher torna-se desinteressante ao patriarcado em duas características fulcrais impostas ao seu gênero: a capacidade reprodutiva e a beleza física: “[a mulher] perde, jovem ainda, o encanto erótico e a fecundidade de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade” (BEAUVOIR, 1967, p. 343). Logo, ao envelhecer, as idosas, distanciadas desses dois pilares, tornam-se seres excluídos da coletividade, tendo apenas acesso e vivências no ambiente doméstico, do qual lutaram para sair ainda na puberdade.

Assim, a partir do dogma de que a mulher deve ser mãe, as idosas perdem a capacidade reprodutiva e a sua existência como mulheres: “um dos traços mais marcados na mulher que envelhece é o sentimento de despersonalização que a faz perder todos os pontos de referência objetivos” (BEAUVOIR, 1967, p. 347). Paralelamente à maternidade compulsória, está a obsessão imposta às mulheres na busca pela beleza física, como já foi mencionado. Com o avançar do tempo, as mulheres de meia idade já começam a odiar o envelhecimento, buscando métodos cirúrgicos, terapias hormonais ou cosméticos que possam “prevenir”, atrasar a velhice ou “prolongar sua juventude agonizante” (BEAUVOIR, 1967, p. 344).

Para o gênero feminino, essa perda é muito significativa porque, por meio da beleza, a mulher “domina” o homem e o atrai para o casamento, seu único “campo” de conquista: “não lhe permitiram ter algum domínio sobre o mundo, senão por intermédio do homem: que lhe acontecerá quando não tiver mais domínio sobre este?” (BEAUVOIR, 1967, p. 344). Surgem, assim, os primeiros medos: “a sociedade patriarcal deu a todas as funções femininas a figura de uma servidão; a mulher só escapa da escravidão no momento em que perde toda eficiência” (BEAUVOIR, 1967, p. 351). Portanto, a mulher só tem existência porque “ganha” o homem pela sua formosura e, posteriormente, pode engravidar dele, derivando daí uma das vias de objetificação do corpo feminino.

O homem, por outro lado, possui todas as possibilidades que o espaço público oferece, uma vez que não tem o seu universo restrito pelas paredes domésticas: “[dos homens] seus ardores eróticos são menos vivos do que na mocidade; e como não lhe pedem as qualidades passivas de um objeto, as alterações de seu rosto e de seu corpo *não* arruínam suas possibilidades de sedução” (BEAUVOIR, 1967, p. 344, grifo da autora). Assim, perder o viço da juventude não atrapalha nem no jogo de sedução, uma vez que a velhice dos homens não é sinônimo de exclusão, nem na capacidade sexual, pois métodos de favorecimento da performance masculina já foram inventados.

A este respeito, segundo Simone de Beauvoir, a mulher

que envelhece sabe muito bem que se deixa de ser um objeto erótico não é somente porque sua carne não oferece mais ao homem riquezas frescas: é também porque seu passado, sua experiência fazem dela, queira ou não, uma pessoa; lutou, amou, quis, sofreu, gozou por sua conta: esta autonomia intimida-a. (BEAUVOIR, 1967, p. 345)

Desta forma, a sua experiência faz dela uma pessoa, abandonando, assim, a sua condição de “fêmea”, o que é constatado pela filósofa no momento em que ela nos fala sobre a necessidade que a idosa sente em buscar as aventuras que negou durante as outras fases da vida, como “viver os romances que não conheceu, que dentro em

breve não poderá mais conhecer” (BEAUVOIR, 1967, p. 347). Logo, se encontrar uma possibilidade de ter um caso amoroso, “lança-se avidamente” (BEAUVOIR, 1967, p. 347). Outro fato discutível é o término dos ciclos menstruais. Segundo a autora, a crise da menopausa “corta em dois, brutalmente, a vida feminina; é essa descontinuidade que dá à mulher a ilusão de uma *vida nova*; é *outro* tempo que se abre diante dela” (BEAUVOIR, 1967, p. 349, grifos da autora). Nesta fase, a idosa irá perceber a sua vivência de forma mais fervorosa, como se pudesse, de fato, alterar a sua trajetória: “Morreu e ressuscitou, encara a terra com um olhar que desvendou os segredos do além e crê levantar voo para píncaros intactos” (BEAUVOIR, 1967, p. 349). Nota-se que a idosa percebe que, finalmente, possui algum tipo de autonomia, o que foi conquistado pelas batalhas que aceitou enfrentar por ser mulher, principalmente frente ao gênero masculino. Neste contexto, torna-se um “ser humano” devido ao seu passado e a sua experiência. Em vista disso, a mulher que diz que “nunca se sentiu tão jovem” é a mesma que não se enxerga diante do espelho por estar tão idosa. A tentativa de conciliação entre estes dois polos leva a mulher a uma confusão quanto a si mesma: “é nesta nova perspectiva que se volta para o passado; é chegado o momento de traçar um risco, de fazer as contas; é a hora do balanço” (BEAUVOIR, 1967, p. 345). Neste momento, muitas idosas entregam-se à religião: “é no momento da menopausa que a coquete, a apaixonada, a devassa se faz devota; as vagas ideias de destino, de segredo, de personalidade incompreendida, que a mulher acaricia à beira de seu outono, encontram na religião uma unidade racional” (BEAUVOIR, 1967, p. 348).

Quanto ao sexo, segundo Simone de Beauvoir, em *A velhice* (2018), o exercício da sexualidade é resultado de uma construção social guiada por fatores ideológicos e culturais. Os interesses em jogo, nesta luta, não são apenas de ordem prática, mas também de ordem moral: a coletividade dita, assim como faz nas demais fases, as regras que são impostas, às idosas, quanto à decência do vestuário e da linguagem, ao exagero de maquiagem, aos tipos de atividades feitas, a sua aparência e as suas maneiras. Porém, é no plano sexual que a repressão é exercida de forma mais contundente, da mesma maneira como ocorreu nas outras etapas da vida.

Nesta fase, a idosa titubeia entre respeitar o papel de mulher recatada e ser livre. Nas palavras da filósofa, “uma mulher maternal afirma que pode ainda conceber; procura apaixonadamente criar vida mais uma vez. Uma mulher sensual esforça-se por conquistar um novo amante” (BEAUVOIR, 1967, p. 345). O primeiro tipo aprendeu que o seu ofício é doar-se, logo, impõe-se a necessidade de controle sexual como se o desejo carnal pudesse ferir a reputação que construiu durante toda a vida: “lutará também ferozmente, se seus desejos sexuais continuarem vivos” (BEAUVOIR, 1967, p. 349). Nesta luta, as figuras femininas envelhecidas, como a mãe e a avó, irão se contentar com o que os filhos lhes oferecem. Obviamente, a ideia de exclusão social da velhice, principalmente quanto à mulher, faz com que a sua relação com o próprio corpo seja angustiada e amarga: a idosa rende-se ao padrão feminino que lhe foi imposto, tem medo de escândalos e fica escrava do que vão dizer sobre ela (BEAUVOIR, 2018).

Já a “sensual” procurará um amante, geralmente com menos idade: “um jovem é um amante ideal, porquanto pode ufanar-se com ele de uma generosidade maternal [...] um homem tímido, novo, é mais fácil de ser capturado”, acredita ela (BEAUVOIR, 1967, p. 350). Caso não consiga pela via da sedução, “resta um recurso à obstinada:

pagar. [...] [o que] transforma o homem em um instrumento e permite à mulher essa liberdade erótica que seu jovem orgulho recusava antes” (BEAUVOIR, 1967, p. 350). Como resultado, ao reconhecer a sua uma nova posição social, a maturidade levará a mulher a buscar outro lugar de prazer, o que lhe possibilitará viver a sua volúpia de forma mais liberta do que tradicionalmente lhe foi concedido: “decidida a *viver sua vida*, terá menos escrúpulos do que antes – se jamais os teve – em arranjar amantes; mas ainda assim será preciso que eles queiram; é uma caça ao homem” (BEAUVOIR, 1967, p. 350, grifo da autora). Daí é importante pensar na resistência da idosa quanto ao seu direito de exercer a sexualidade, uma vez que a prática carnal acompanha o indivíduo do nascimento à morte.

A este respeito, dentro do processo de envelhecimento, o ato sexual sofre modificações, como, por exemplo, a frequência, que pode ser prejudicada pelas limitações da idade e da saúde dos indivíduos. Nas palavras de Simone de Beauvoir (1967, p. 349), “Aos momentos de fervor sucedem mornas horas de depressão. O organismo indica esse ritmo, pois a diminuição hormonal é compensada por uma superatividade da hipófise; mas é principalmente a situação psicológica que comanda essa alternância”. Ademais, em sua obra *A velhice* (2018, p. 32), a mesma autora afirma que, “Com a idade, as possibilidades de ejaculação e de ereção diminuem e até desaparecem. Mas a impotência não acarreta sempre a extinção da libido”. Sobre isso, a filósofa francesa atesta que o senso comum “engessa” a visão que a coletividade faz da sexualidade na velhice. Segundo pesquisas apresentadas por ela na obra supracitada, a ideia de que o desejo “some” na velhice é desmentida, por outro lado, a autora diz que tal noção foi criada porque afasta a “desagradável” imagem do velho e da velha lúbricos, o que contraria os ideais de juventude e excitação impostos pelos padrões midiáticos de beleza, como se o sexo fosse permitido apenas àqueles que são moços e atraentes (BEAUVOIR, 2018).

Em virtude do fato de a sociedade tratar juventude como sinônimo de libido, num olhar mais geral a respeito da importância da funcionalidade sexual dos indivíduos, entende-se a velhice como uma fase castradora do desejo carnal. Ademais, por certo, questões de moralidade e autocensura limitam fortemente a prática erótica feminina na velhice, fato este que distancia as idosas do espaço público e as encarcera no espaço privado do lar, enquadradas nas atividades de mãe, avó ou esposa. Entretanto, já vistas e entendidas por si mesmas como mulheres – e não mais como fêmeas –, as idosas podem tornar-se emancipadas no jogo de sedução e no sexo.

A partir destas diferenciações, a mulher deve ser, em tudo, o contrário do homem, conceito este que sintetiza a construção e a difusão das representações do comportamento feminino considerado ideal, o que limita o horizonte das mulheres ao espaço privado e reduz violentamente as suas atividades e aspirações, até encaixá-las, estritamente, nas atividades de “rainhas do lar” com base no tripé “mãe, esposa e dona-de-casa”, com ênfase na maternidade compulsória, como se a saída deste circuito fosse um impeditivo para a plena realização da feminilidade de uma mulher.

Com base no aporte teórico apresentado, seguimos para a análise da personagem CLB, protagonista do romance *A casa dos budas ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro (1999), corpus desta pesquisa.

A inversão do papel social de mulher idosa em *A casa dos budas ditosos*

A obra em questão pertence à coleção “Plenos pecados”, da Editora Objetiva, na qual figura como o volume dedicado à luxúria, um dos sete pecados capitais conforme o catolicismo. O pano de fundo da narrativa é a sociedade brasileira da metade do século XX. A narradora da autobiografia é uma mulher sexagenária, baiana, aristocrata e identificada apenas pelas iniciais CLB.

Em síntese, a personagem ubaldiana, desde criança, demonstra atitudes de autonomia quando comparada com outras meninas de sua idade, por exemplo, ao explorar a biblioteca do avô em busca de conhecimentos sobre determinados assuntos. Depois, no início da adolescência, tem relações sexuais com um amigo de forma consensual: “Chupe aqui, disse eu, que não sabia realmente que as pessoas se chupavam, foi o que eu posso descrever como instintivo. [...] depois puxei a cabeça dele de novo e entrei em orgasmo nessa mesma hora e deslizei para o chão” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 29). Durante a juventude e a idade adulta, mantém um caso incestuoso com o irmão: “Em relação ao irmão, posso dar meu testemunho pessoal, eu comi muito Rodolfo, meu irmão mais velho, até ele morrer a gente se comia, sempre achamos isso muito natural” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 53) e com o tio: “E claro que ele [tio Afonso] não metia em mim, mas me esporrava toda e eu sempre dava um jeito de que ele se lembrasse de que alguma coisa sempre podia escorrer para dentro de mim, eu também já tinha lido isso num livro” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 85).

Na sequência, já casada, vive uma relação poligâmica, na qual tem múltiplos parceiros sexuais, com quem realiza abundantes fantasias eróticas: “A única combinação: fodeu na rua, contava ao outro [Fernando]. Corolário: o fodedor ou fodedora da rua tinha que saber que a gente contava tudo um ao outro. [...] E olhe que a gente comia muito as mesmas pessoas” (UBALDO RIBEIRO, 1999, pp. 102-103), ou ainda sexo grupal com padres e freiras: “grande Father Pat Mulligan, que topava qualquer coisa e trocava com Fernando numa boa” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 107), até a satisfação em ver animais transando: “eu também gosto de ver, assim como jegues; vi inúmeros, soltos pelas ruas e terrenos baldios, em Itaparica. E cachorros também, é interessante como cachorros trepando também são excitantes” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 51). As experiências da personagem, por toda a vida, estão na contramão das regras de conduta social que oprimem as mulheres historicamente, sobretudo com relação às práticas sexuais.

Por ser questionadora, CLB passa a sua vida tentando escapar das imposições de gênero, com ênfase no casamento e na maternidade. Nota-se que a narradora aprendeu a conviver em meio aos intrincados fios que formavam a sociedade, pautados, geralmente, em valores preconceituosos e machistas, o que a levava a jogadas arriscadas de sobrevivência com destaque para a preservação de sua reputação, mesmo quando ela não concordava com o discurso que reproduzia: “E, mesmo que houvesse minissaia, eu não usaria, já estava ligada na prática do primeiro-foi-você, nunca perdi tempo em querer dar murro em ponta de faca” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 54). Para isso, chegou até a pensar em uma cirurgia de reconstrução de hímen, comum na época de sua juventude: “eu já estava até pronta, veja que coisa ridícula, *outrageous but true*, já estava pronta para fazer uma recuperação de minha condição virginal, restaurar o

hímen. Muita gente restaurou, sei de vários casos” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 33, grifo do autor). Portanto, a sua capacidade analítica favorecia a sua dissimulação.

Assim, para a protagonista, na coletividade na qual estava inserida, a mulher, quando jovem, é cerceada pela autoridade do pai e, ao se casar, a submissão passa a ser com relação ao marido, com ênfase na noção de pertencimento da mulher ao homem, principalmente na instituição do casamento, como nos diz Simone de Beauvoir (1967). Quanto a isso, a personagem demonstra, em várias partes da narrativa, a sua insatisfação com o matrimônio e com a maternidade, sendo ambos, para ela, instrumentos de dominação masculina: “Eu, que nunca tinha evitado filhos com a seriedade apropriada, mas *tinha medo de pegar um sem querer e, pior ainda, sem ter saco para crianças*, ainda mais podendo não ter certeza sobre quem era o pai” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 46, grifos nossos).

Para a personagem, o aparente respeito com a maternidade é mais uma forma de cerceamento da liberdade sexual feminina, pois, de acordo com o cristianismo, a mulher só é completa se for mãe. Neste sentido, CLB é vanguardista em uma época em que as mulheres cresciam sendo educadas para o casamento e a maternidade. Além disso, ela se sentiu aliviada quando descobriu que era naturalmente estéril: “Eu passei muito tempo sem saber que era estéril, só vim a saber muitos anos depois, de maneira que tinha tanto pavor de engravidar quanto Norma Lúcia e todas as outras” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 52). Armada de uma boa educação e de muito dinheiro, CLB mostra-se privilegiada no contexto feminino de sua geração.

Por ser solteira, a protagonista encontrava-se “verdadeiramente” livre no início da narrativa. Desta maneira, o seu estado civil favorecia as suas inúmeras conquistas erótico-amorosas. Para ela, os homens eram “troféus”, os quais eram guardados e usados quando fosse conveniente. Em vista deste comportamento, pode-se afirmar que a narradora, assim como o mítico Don Juan, colecionava relações, por isso, ela se sentia superior aos homens, objetificando-os:

Ambivalências, sempre fui muito ambivalente. Não pareço, mas sou, é uma condição bastante interna, mas sou; ninguém diz, mas sou. Por exemplo, além de ter saudades do tempo das coxas... Ainda vou contar algumas aventuras do tempo das coxas, tenho material para duas guerra-e-pazes. Passagens espetaculares, uma vez com padre Misael em pleno colégio de freiras, outra vez com meu noivo Mauricio na porta do apartamento onde estavam dando uma festa, e eu gozando como vinte ambulâncias desgovernadas, outra vez com meu tio Afonso no banheiro, e minha tia Regina, mulher dele, querendo entrar, ah, e essas são somente algumas, são assim as que me vêm à cabeça, de momento. (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 37)

Percebe-se que CLB faz a sua “listinha” de amores, a qual, na realidade, não é tão pequena assim, já que daria para escrever duas “guerra-e-pazes”. Tal relação de exploração está diametralmente oposta ao machismo que estrutura uma sociedade patriarcal, conforme a qual é a mulher que deve se curvar às vontades masculinas. As ações de CLB traduzem, desta forma, as suas estratégias de busca pelas suas satisfações pessoais, sejam elas carnis ou sociais. Ademais, as suas “vítimas” não veem que a sua funcionalidade tem prazo de validade, por isso, são chamadas de “troféus”.

Como é notável, o cenário está invertido: em primeiro lugar, é a mulher quem faz a lista – em nossa cultura, CLB deveria fazer parte da lista de um homem, não o contrário –, em segundo lugar, o posto de galante universal no cânone literário pertence aos homens geralmente, como exemplo, Don Juan, o que é invertido no romance ubaldiano – a protagonista assume a função de sedutora e dona de uma lista razoável de conquistas, a qual é interminável, uma vez que CLB rompe o padrão heterossexual em suas relações: “Heterossexualismo exclusivo, limitação. Homossexualismo exclusivo, limitação. Bissexualismo, normal, tanto assim que na infância desperta em todos e todas, sem exceção. Pansexualismo, o futuro” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 159). Como pôde ser visto, CLB atrai e encanta pessoas de gêneros e orientações sexuais variadas, simpatizantes das mais diversas práticas eróticas, de zoofilia até pansexualidade. No relato memorial de suas aventuras, são lembradas todas as suas façanhas pornográficas, relações explicitamente embasadas em depravações transgressivas à heteronormatividade.

As atividades sexuais, também modeladas a partir da construção social dos gêneros masculino e feminino, são carnavalizadas a partir da troca de papéis no ato sexual: “Os disfarces começam já no sexo a três. [...] todas as mulheres gostam de mulher também, [...] do mesmo jeito que todo homem gosta de homem, faz parte da constituição de nós todos, *ninguém nasceu com papel sexual rígido*” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 117, grifo nosso). A partir de tal afirmação, nota-se um forte questionamento da heroína com relação à sexualidade e às relações que se estabelecem a partir dela. Em sua opinião, todas as pessoas estão aptas a praticar sexo das mais diversas formas, mediante inúmeras configurações: confirma-se, no excerto, a dissolução da previsibilidade e do engessamento para que haja a inversão. Esse efeito carnavalesco legitima o posicionamento da narradora-protagonista como uma mulher libertina, disposta a experimentar tudo em matéria de sexo.

Sobre a objetificação do corpo feminino pelas vias da beleza e da gravidez, CLB enfrenta o padrão ao objetificar o corpo masculino. Segundo Beauvoir (1967), algumas anciãs se alinham ao “tipo” sensual. CLB, ao “contratar” Paulo Henrique, aproxima-se desta categoria, uma vez que “caça homens” (e mulheres também) e, ao encontrar dificuldades devido a sua idade, ela os “compra” por meio da mediação do rapaz. Ele é um jovem mantido financeiramente pela narradora como seu amante e aliciador de parceiros e parceiras para as suas práticas sexuais. Ao encontrar CLB, verifica-se a total inexperiência sexual de Paulo conforme o ideário erótico da protagonista ubaldiana, por isso, foi necessário um trabalho de lapidação para que ele se tornasse um verdadeiro devasso: “[...] passei grande parte da vida preferindo homens mais velhos, *só depois é que comecei a gostar de homens mais novos*. [...] Hoje, *sinto prazer em seduzir e treinar um jovem bonito*; é estimulante, revitalizador, faz bem ao ego (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 146, grifos nossos). No trecho, é perceptível que a inversão da prática social está na iniciação ter sido a de um homem, o que é incomum, uma vez que, na grande maioria das vezes, são as meninas inexperientes que passam pela descoberta sexual feita por homens mais velhos. Com Paulo Henrique, a narradora inverte a lógica secular da prostituição e compra, explicitamente, sexo com ele.

Antes de Paulo, CLB já objetificava o corpo de Domingos, menino descendente de escravos que vivia na fazenda do avô, com quem ela, no início da puberdade, teve a sua primeira experiência sexual. Após isso, eles sempre se reencontravam na fazenda e

trocavam carícias: “Nunca mais nos falamos, mas continuamos a fazer as mesmas coisas e outras durante essas férias todas, uma relação meio animalesca, que aproveitava as oportunidades, [...] nós saíamos para pescar na canoa dele e trepávamos nus no meio do mar” (UBALDO RIBEIRO, 1999, pp. 30-31). A objetificação ocorre com um corpo masculino e negro, o que repete a dominação branca com relação aos africanos trazidos à força, para o Brasil, pelos invasores portugueses. Nos dois casos, há a inversão da objetificação das mulheres – pelas vias do dinheiro e da subjugação –, socialmente estabelecida pela prostituição, de onde nasce o pensamento do senso comum de que as mulheres gostam de dinheiro e, por isso, vendem-se. CLB inverte essa lógica.

Em vista do que foi exposto até aqui, são características fundantes de CLB: agitação, inversão e liberação de pulsões e de desejos proibidos pelas normas quaisquer que sejam elas. O mesmo ocorre com a sua melhor amiga, outra personagem que enfrenta o padrão:

Norma Lúcia, que nunca mais vi porque casou com um milionário sul-africano e foi morar lá, mas uma vez na vida ainda me escreve – depois eu quero falar ainda mais sobre ela, ela é mais tarada do que eu, muito mais, é um assombro, já deve estar um tanto passada dos setenta e na ativa, ainda mais agora, que o marido ficou paraplético e meio gagá –, essa amiga me deu grandes lições de anti-hipocrisia aplicada, usando a força dela contra ela, como dizem que fazem os lutadores de jiu-jítsu. (UBALDO RIBEIRO, 1999, pp. 33-34, grifos nossos)

No caso de Norma, outra baiana “arretada”, o detalhamento foca-se em suas habilidades sexuais e em sua inteligência e coragem para “driblar” as regras sociais. Se fosse ser atribuído um papel a Norminha, este seria o da “garanhona”, adjetivo dado aos homens que, além de terem uma vida sexual ativa e diversificada, ainda são aclamados por isso. Com tais atitudes, ela “vomita” na cara da sociedade, ainda machista, que as mulheres podem fazer, ler, escrever e falar o que quiserem, inclusive no âmbito sexual, o qual, para ela, não é tabu. Desta forma, CLB admira a amiga por ela ser um exemplo de mulher liberada e ousada, que não se impõe limite e que não obedece aos limites impostos na busca pelo prazer, chegando a praticar zoofilia e a assumir que se excitava sexualmente com a morte de animais (em suas caçadas ou quando alimenta a sua cobra de estimação com ratos vivos), parafilias consideradas extremas até pela própria narradora. Para ela, Norminha é uma “gênia”. Outrossim, o nome dela é Norma Lúcia, personagem tão ou mais subversiva do que CLB, assim, o seu nome é paradoxal e ambivalente porque ela quebra todas as regras sociais que lhe são impostas pela “norma” conservadora de uma coletividade patriarcal. Além de “norma”, ela também é “luz”, significado do nome Lúcia, ou seja, Norminha “joga uma luz à norma” com as suas atitudes de enfrentamento de preconceitos sexistas. Já Gualberto (2005, p. 6) diz que o nome da melhor amiga da narradora pode também ser entendido como “a norma de Lúcifer”, o que faz uma referência aos embates da personagem com o discurso religioso.

Ambas as amigas se reconhecem como exemplos de mulheres bonitas, a partir disso, compreendem o peso da beleza física em seu recorte histórico e tiram proveito destas regulações usando a força da moralização do corpo contra essa mesma regulação:

Eu sempre tive as coxas poderosas: de frente, redondas e bem talhadas, terminando em joelhos perfeitos; de lado, com aquela cavadinha que até hoje eu tenho,

uma escultura sutil que entontece qualquer conhecedor do assunto; de trás, é até covardia falar. Bom, eu sempre tive um senhor par de pernas e coxas, não há como inovar na descrição. Um senhor par de pernas e coxas, pronto, embora eu ainda ache que merecia algo mais elaborado, não é justo. E *poderosa* está sendo uma palavra muito desgastada, como aconteceu com *gênio* e, antes, com *formidável*. Uma pena, porque não acho outra, coxas poderosas, é isso, mas é muito mais, um poder não só físico como emocional e psicológico; é, poderosas. (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 88, grifos do autor)

No trecho, a hiperbolização dos atributos físicos de CLB alimenta o seu autorretrato de mulher lasciva e fatal, capaz de seduzir qualquer homem, uma vez que, conforme o patriarcado, a mulher deve ser bonita, pois outras características físicas ou intelectuais não importam. A protagonista vale-se disso como arma contra a opressão que sofre por ser mulher. Espera-se a submissão dela aos homens, todavia, o contrário acontece na narrativa: desde menina, a personagem domina os homens, através de sua sensualidade e de sua beleza, e os manipula de acordo com as suas vontades. É narcisista exatamente porque se reconhece e é reconhecida como bela.

Por tudo isso, pode-se dizer que as duas personagens – CLB e Norminha – simbolizam mulheres fatais, pois reúnem as características que determinam este tipo de mulher: são independentes – emocional e financeiramente – e extremamente inteligentes, o que desafia a lógica machista de que mulheres devem ser delicadas e maternais; negam os papéis de esposa e de mãe porque se interessam por assuntos que estão muito além do âmbito doméstico; são tão lindas quanto espertas, ou seja, não cultuam somente a beleza física – a qual também é importante nos jogos sexuais –, mas também a intelectualidade; por serem emancipadas socialmente, sentem-se livres para a experimentação sexual; possuem charme e sensualidade, sobretudo na linguagem, subterfúgio este que fascina os homens, tornando-os “presas fáceis”; são narcisistas e arrogantes. Portanto, na junção de todos esses traços, as fêmeas fatais não condizem com o modelo de mulher socialmente imposto e esperado pelos homens (FOSTER; FOSTER; HADADY, 2008). Com base nisso, nota-se que houve, no romance, a profanação da posição de mulher em relação ao modelo da década de 50 ou 60 do século XX.

Quanto ao discurso religioso, reproduzidor de misoginia, CLB critica a educação cristã porque esta é repressora do desejo. Para o catolicismo, a natureza, o corpo e a carne são maus e é preciso reprimir os instintos. Como decorrência, faz com que as pessoas acreditem que o corpo é sujo, o que será problematizado em todo o romance ubaldiano:

Aliás, naturalmente que eu também fui criada como católica, tinha aulas de catecismo, fiz primeira comunhão vestida de organdi branco, só falava o estritamente necessário na sexta-feira santa, só comíamos peixe toda quinta-feira e assim por diante. Mais ainda, fui criada para considerar os protestantes gentinha e ficava com raiva de Lutero, que me parecia a feição do demônio, nos livros de História Geral. Levei um certo tempo para me livrar dessa estupidez, veja você; hoje, tenho até bastante afinidade com os protestantes, exceto os calvinistas e, óbvio, esse pentecostalismo histórico e de baixa extração, que ora nos assola. O magistério da Igreja me enerva. Prefiro eu mesma ler a Bíblia e pensar do que leio o que me parece certo pensar, quero eu mesma me inteirar das boas novas, sem nenhum padre de voz de tenorino gripado me ensinando

incoerências subestimando minha inteligência e repetindo baboseiras inventadas, [...] Certos papas, todo mundo sabe o que foram certos papas, todos infalíveis e tantos safados. (UBALDO RIBEIRO, 1999, pp. 14-15)

No exemplo, percebemos a inversão do discurso religioso, o qual é usado pela narradora para desestabilizar a si próprio, em um jogo de inversão de valores: o cristianismo é contraposto à hipocrisia social que se edifica por meio dele. Tal comportamento de CLB justifica as inúmeras indagações que ela faz durante a narrativa sobre as imposições cristãs que colocam o corpo no lugar de pecado, com as quais, obviamente, não concorda e enfrenta cotidianamente. No excerto abaixo, a narradora critica o discurso religioso por meio da postura das autoridades clericais: “E por que também não observam o que também está lá, no Levítico? Fingem que não está. E o Papa é vigário de Cristo? Certos papas, todo mundo sabe o que foram certos papas, todos infalíveis e *tantos safados*” (UBALDO RIBEIRO, 1999, pp. 14-15, grifo nosso). Percebemos a carnavalização dos dogmas cristãos, através de um olhar não sancionado pela norma, o que leva à construção de um mundo ao revés. Assim, molda-se um novo padrão de relações mútuas na coletividade, capaz de opor-se violentamente às relações hierárquico-sociais monológicas da vida fora do carnaval, enfaticamente marcada por um crivo puritano e cristão. Ainda sobre a religião, com referência à reprodução, CLB evita a gravidez de todas as formas e pensa em aborto se lhe for conveniente, isso sem falar do incesto e de outras práticas, como a homossexualidade e a bissexualidade, violentamente proibidas pelo cristianismo. A este respeito, se a personagem tivesse vivido na Idade Média, por certo, teria sido uma das bruxas queimadas nas fogueiras da “Santa” Inquisição.

Quanto à velhice, a narradora conta com 68 anos no presente da narrativa:

Deve ser coisa da idade, certamente é a idade, embora, é claro, eu não me considere velha. Mas já vivi quase sete décadas, alguma coisa sucede nesse tempo. Confusão, estou fabricando uma tremenda mixórdia. Será que estou fazendo psicanálise? Pavor, ouvido de aluguel, pavor. Bem, de certa forma, você e esse gravador são ouvidos de aluguel. Sei lá. É, deve ser coisa da idade, eu abomino a expressão *terceira idade*, hipocrisia de americano, entre as muitas que já importamos, americano é o rei do eufemismo hipócrita. (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 25, grifo do autor)

No trecho, nota-se a indignação da protagonista quanto aos “rótulos” dados ao envelhecimento, o que é bastante comum entre as mulheres. Como é perceptível, o romance se desenvolve a partir das memórias de CLB, personagem que relata a sua história de vida em primeira pessoa. A escolha por este tipo de narração potencializa o efeito de verossimilhança discursiva porque aproxima, ao máximo, quem narra e o que narra. Nesta busca incessante pela “transparência” narrativa, *A casa dos budas ditosos* (1999) apresenta uma senhora idosa, o que dá à obra, em oposição à verossimilhança, um efeito extra-ordinário, tanto nos temas tratados – orgia, bissexualidade, homossexualidade, pansexualidade, incesto – como na forma de registrar – o fato de a narradora ser uma idosa, o que torna os acontecimentos inacreditáveis aos olhos do leitor, o qual não espera que uma senhora sexagenária tenha coragem para falar sobre sexo como CLB fez. O espanto do leitor ocorre porque, conforme os preceitos de Simone de Beauvoir

(1967), a mulher perde, ainda jovem, a sua feminilidade de forma abrupta ao ser considerada “feia” pelo envelhecimento e estéril pela menopausa.

Neste contexto, as balizas que determinam o ideal de mulher idosa são transgredidas por CLB, que nos diz: “Pois é, hoje eu sou uma das melhores *de quase setenta no Brasil*, uma das melhores do mundo, eu sei o que estou dizendo. Imagine como eu era entre os trinta e os quarenta e poucos, na minha opinião a melhor idade para qualquer mulher” (UBALDO RIBEIRO, 1999, p. 77, grifo nosso). No trecho, verifica-se a rejeição da personagem pelos julgamentos relativos à idade dados às mulheres, uma vez que, em síntese, na nossa sociedade, a sexualidade das mulheres é uma questão interdita, enfaticamente a das anciãs, pois a maternidade e as ocupações com o marido, a casa e os netos – atividades pertencentes ao ambiente doméstico – tiram desta parcela o direito sobre a sua própria vivência, com ênfase na prática sexual, que é cerceada e oprimida.

Em toda a narrativa, CLB se diz libertina. No exemplo abaixo, são perceptíveis os atributos de libertinagem em sua autodescrição, ela é devassa, liberada e poligâmica:

Minha solução também dependeu um pouco de sorte, se bem que, se ela não tivesse aparecido, eu a encontraria por outro caminho. Equacione isto. Eu, bem de vida, morando bem, vestindo bem, tudo muito bem, *velha bonitona, gostosa e devassa, não querendo mais amantes fixos que me encham o saco* – e é muito difícil achar um que acabe não enchendo – e vivendo na grande cidade do Rio de Janeiro, que é que eu faço, quando estou com vontade de uma transazinha expedita? Pego o jornal, acho um anúncio qualquer, telefone, encomendo um rapaz, uma moça, um rapaz e uma moça, qualquer combinação, tudo especificado, pago até com cartão de crédito. (UBALDO RIBEIRO, 1999, pp. 145-146, grifo nosso)

O exemplo mostra a transgressão exagerada de CLB, que é uma mulher idosa sexualmente ativa. O excesso está no contraste entre a ideia que a sociedade tem de uma mulher sexagenária – aquela que rejeita a vida sexual para cuidar dos filhos e dos netos no ambiente doméstico – e a vida que CLB leva – ela é uma mulher livre, independente e sexualmente ativa: é o retrato invertido da mulher idosa. Outrossim, a personagem explicita a sua condição de mulher liberada e erudita ao dialogar com o cânone libertino, o que demonstra conhecimento de mundo e repertório cultural. Sobre isso, vale lembrar que a narradora ubaldiana, apesar de contar as suas memórias em um registro informal da língua, era grande conhecedora da literatura universal, com quem dialoga em toda a narrativa, bem como das regras da norma padrão da língua portuguesa. Em tal comportamento, nota-se que a personagem contesta a norma vigente pelo riso, pela ironia e pela desordem, inclusive no âmbito formal da organização de suas memórias.

Ademais, CLB, apesar de sexagenária, demonstra estar sempre pronta para o ato sexual. Para ela, não há impedimentos: noite, dia, em casa, na rua, em casal, em grupo, com o irmão, o tio ou com amigos, enfim,

A vida é foder. Note bem: esta, partindo de mim, é, como eu já sugeri, uma afirmação refinadíssima, não tem nada a ver com enunciados idênticos, mas simplesmente grossos ou instintivos. O meu enunciado é fruto de muita vivência e processamento dessa vivência. A vida é foder, em última análise. É uma pena que a maioria nunca chegue nem de longe à plenitude que esta constatação oferece, uma grande pena mesmo. (UBALDO RIBEIRO, 1999, pp. 138-139)

No trecho, em oposição ao padrão imposto, as afirmações de CLB mostram a plenitude de sua vida: ela realmente fez tudo o que tinha vontade, destruindo uma a uma todas as amarras sociais impostas a ela em uma coletividade de raiz patriarcal. As atitudes da personagem combatem a lógica da heteronormatividade, o que cria múltiplas perspectivas no âmbito da sexualidade: bissexualidade, homossexualidade e pansexualidade. Resumidamente, a sexualidade da narradora é liberada, infatigável e imodesta. A narradora vive na cidade grande e testa todas as formas de satisfação do desejo sexual, expressando, em grau crescente na narrativa, volúpia e todas as nuances do pecado da luxúria, atitudes estas que se colocam frontalmente em oposição ao padrão feminino de mulher idosa exposto por Simone de Beauvoir (1967). Logo, a conduta “imoral” de CLB denota atitudes revolucionárias de embate e de resistência.

Em vista do que foi discutido, em toda a narrativa, a personagem ubaldiana gaba-se de suas qualidades sexuais, bem como da sua inteligência e esperteza extremas, habilidades estas que a ajudaram na resolução de muitas problemáticas encaradas durante a vida. Em suas atitudes, nota-se que ela não aceita o fato de que a mulher não pode escolher a sua própria existência, por isso, quebra os estereótipos de gênero como forma de enfrentamento das imposições sociais.

Considerações finais

Em relação à subversão do papel social de mulher, ao questionar o machismo, somente uma mulher livre, liberada, dona de si e independente poderia ter vivido tal como ela viveu, desta forma, as suas atitudes denotam um desejo por equidade entre os gêneros. Na infância, arma-se de leituras de filósofos e romancistas de seu tempo. Na juventude, era mais oprimida, mesmo assim mostra-se bem mais livre do que a maior parte das mulheres da sua idade. Na idade adulta, já independente, continuou negando os dogmas morais, especialmente o casamento, a maternidade e a monogamia. Na velhice, totalmente liberada, CLB recusa a constituição social do gênero feminino, por isso, transgride-o veementemente. O que é certo e errado na conduta de uma mulher? – reflete a autora-fictícia por todo o seu relato. Obviamente, faz-se necessário salientar que ser branca, escolarizada, aristocrata, rica e dona de uma boa herança facilita a sua vida: devido a isso, ela pôde ter atitudes de combate ao machismo institucionalizado, singularmente sobre a sua opção pela vida de solteira em um período histórico em que o casamento era uma imposição social e um refúgio financeiro para as mulheres de pouca escolaridade. Portanto, muitos dos confrontos aos dogmas sociais vividos por CLB, certamente, não foram possíveis a uma grande maioria de mulheres na época.

Sobre a velhice, a separação de “tipos” de educação entre meninos e meninas, a censura às relações sexuais e à masturbação, a exigência da virgindade, a imposição social do casamento e da maternidade, a limitação ao espaço doméstico e a restrição das opções de formação e de trabalho são fatores que cerceiam a liberdade feminina da infância à idade madura. Desta forma, as mulheres somente poderão acabar com esta inferioridade quando vencerem a ideia socialmente enraizada de superioridade masculina que lhes é ensinada desde sempre. Portanto, por meio do questionamento e do enfrentamento dos dogmas patriarcais, com ênfase na religião, é preciso que a

mulher, assim como fez CLB, compreenda as fases da sua vida, sobretudo o processo de envelhecimento, para que a sua situação mude ao perceber que, apesar de se sentir diferente e, muitas vezes, assexuada, é um ser acabado: uma verdadeira “mulher de idade”, parafraseando Simone de Beauvoir (1967), capaz de aproveitar realmente a sua maturidade, inclusive no âmbito sexual. Neste contexto, emerge CLB, a qual, mesmo idosa, não se rende à exclusão social e, ainda por cima, busca um caminho para propagar todo o seu conhecimento para a coletividade por meio de seu depoimento.

Quanto aos valores que presidem o romance, a partir da narradora, nota-se uma preocupação com a representação da ordem hierárquica de forma invertida, conforme os apontamentos de Simone de Beauvoir (1967). Em suma, a figura de CLB representa um anseio de liberdade individual feminina, coletiva e, de maneira marcada, sexual, tendo em vista que a personagem vive ameaçada pelas vozes sociais machistas e castradoras de uma formação de base patriarcal, singularmente na velhice. Logo, é um modelo subvertido de mulher idosa, uma vez que as atitudes dela se opõem violentamente às construções sociais sexistas, o que tem, como resultado, um forte apelo de libertação feminina dentro da tradição literária. Por tudo isso, CLB elabora o seu discurso na tentativa de convencer as leitoras a transformarem o rumo de suas vidas, o que é confirmado pela dedicatória do romance: “para as mulheres”.

Referências

ASHBEE, H. S. *Índex de livros proibidos*. Trad. H. Dobal e Aurélio de Lacerda. São Cristóvão: Artenova, 1970. (Col. Erotika Lexicon, v. 3).

BEAUVOIR, S. de. *Da maturidade à velhice*. In: _____. *O segundo sexo – a experiência vivida*. Vol. II. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difel, 1967.

_____. *A velhice*. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

DEL PRIORE, M. *Apresentação*. In: MUCHEMBLED, R. *O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

FOSTER, B.; FOSTER, M.; HADADY, L. *Amor a três: dos tempos antigos aos dias de hoje*. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record, 1998.

KRAMER, H.; SPRENGER, J. *O martelo das feiticeiras (Malleus Maleficarum)*. 27. ed. Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2015.

MALUF, M.; MOTT, M. L. *Recônditos do mundo feminino*. In: SEVCENKO, N. (Org.). *História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MORAES, A. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

MUCHEMBLED, R. *O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

NOVAES, J. de V. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

UBALDO RIBEIRO, J. *A casa dos budas ditosos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

Recebido em: 25/Ago/2019 - **Aceito em:** 09/Dez/2019.